

O arquétipo da Parceria e Interdisciplinaridade: reflexões sobre um curso para gestores da Prefeitura de SP.

Elenice Giosa

CV: <http://lattes.cnpq.br/6173021984292370>

Começar a falar sobre o encontro com gestores da Prefeitura de São Paulo na área de educação em 2014, é viver a força de um arquétipo que me movia de tal forma até eu trazê-lo à minha consciência, reconhecê-lo e vivê-lo na minha vida pessoal e de educadora. Como discute Hillman em sua palestra sobre o Livro Vermelho de Jung (<http://vimeo.com/88459298>): “Somos vividos por forças que não conhecemos”. Essas forças nos incomodam, nos movem, nos fazem perguntar: Mas, afinal de contas, o que está acontecendo?

Há dez anos, deixei a academia com essa mesma pergunta a ser respondida. Sentia que deveria tomar essa atitude porque algo gritava em mim, impelindo-me à busca de novos caminhos. Até então, não tinha a mínima ideia do que era “ser vivida por um arquétipo.”

Paralelamente, no âmbito pessoal, também questionava o termo, porque afinal de contas, o que significa 'parceria' nas relações amorosas? Novamente, perguntas a serem respondidas.

Ao entrar para o doutorado na área de Psicologia e Desenvolvimento Humano da USP, com o intuito de utilizar o mito do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda para o desenvolvimento da Língua Inglesa, deparei-me com os escritos de Karl Gustav Jung e percebi que estava na direção certa para começar a responder às minhas perguntas. Jung fala da importância do símbolo no desenvolvimento humano. Para ele, formas de pensamento e gestos humanos mostram que um arquétipo pode trabalhar no inconsciente e se manifestar em circunstâncias específicas. Jung (1992, p.76) aponta que o arquétipo afeta emocionalmente o indivíduo - por exemplo, um choque de ordem emocional que provoque mudanças drásticas de comportamento, colocando-o em contato com experiências significativas para ele. O arquétipo “representa essencialmente um conteúdo inconsciente que se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”. (Jung, 1954/2000a, p. 17). Dado o seu caráter universal, o

arquétipo não deve ser entendido como algo estável, pré-determinado metafisicamente, mas como uma pré-disposição inconsciente em movimento, pois sua natureza é devida à relação do homem e, portanto, do que é inerente ao ser humano, com o meio externo. Ainda reforçando essa noção de movimento do arquétipo, Jung (1921/1991, p. 419) aponta o seguinte:

[...] a imagem originária (o arquétipo) é sempre coletiva, ou seja, é, no mínimo, comum a todos os povos e tempos [...] é uma forma típica fundamental de certa experiência psíquica que sempre retorna.

Com essa citação, (Jacobi, 1991, p.42) enfatiza que o arquétipo é percebido como sendo “simultaneamente imagem e emoção,” pois advém da relação do homem (enquanto ser da natureza) e da própria natureza em si. Portanto, o arquétipo é entendido como sendo construído na relação homem-mundo e pode guiar nossas ações irrefletidas, mas suscita a criação, desde que a imagem e imaginação sejam consideradas em seu dinamismo do corpo em contato com o seu entorno; um corpo que possui alma. Arquétipo ou imagem arquetípica refere-se a uma construção dinâmica de imagens que passam a constituir o inconsciente coletivo.

Hoje em dia, a perda desconsiderada das imagens arquetípicas também pode levar a uma imposição desequilibrada do individualismo, ou seja, grupos empresariais, institucionais e educacionais muitas vezes não encontram algo em comum no qual podem se sustentar para então, cada um seguir seu caminho, na busca de seu próprio Graal. No mito do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, os cavaleiros somente saem em busca do Graal porque têm sustentabilidade no coletivo. O que há em comum entre eles e que deve ser ritualizado é a busca interna, a sensibilidade interior que os mantém unidos na busca pessoal e coletiva.

Assim considerando, reforço que a importância da noção de arquétipo recai na possibilidade de pensarmos em nosso próprio Trajeto Antropológico, de repensarmos a nossa história pessoal, estabelecendo, novos diálogos nos contextos nos quais vivemos.

No caso deste artigo, percebo que fui arrebatada pelo “arquétipo da parceria”, simultaneamente, na minha vida pessoal e profissional, buscando recuperar diálogos entre professor- instituição/ professor-aluno, totalmente esquecidos nesse mundo racionalizado em que vivemos. Num primeiro momento, quando saí da academia, faltava parceria com a instituição onde eu trabalhava. Então, veio o desapontamento e, ao mesmo tempo, uma vontade ainda maior de compartilhar, de vivenciar *in loco*, a parceria. O arquétipo, antes vazio e sem forma, tornava-se

“imagem arquetípica ou ‘símbolo’ ao ser ‘apresentado’ à minha consciência”. (Jacobi, 1991, p.40).

Para esclarecer melhor o que é símbolo: é a presentificação do arquétipo, fazendo a mediação entre o arquétipo e a consciência, pois a função simbólica elabora o arquétipo e o traz à consciência sob a forma de imagem arquetípica, num determinado contexto de tempo e espaço. Relacionamo-nos com o símbolo e com a imagem arquetípica que proporcionam a ampliação da consciência - o que compõe nosso caminho de individuação, lembrando que a individuação não é algo a ser alcançado, mas sim, é o próprio processo de discriminação da consciência.

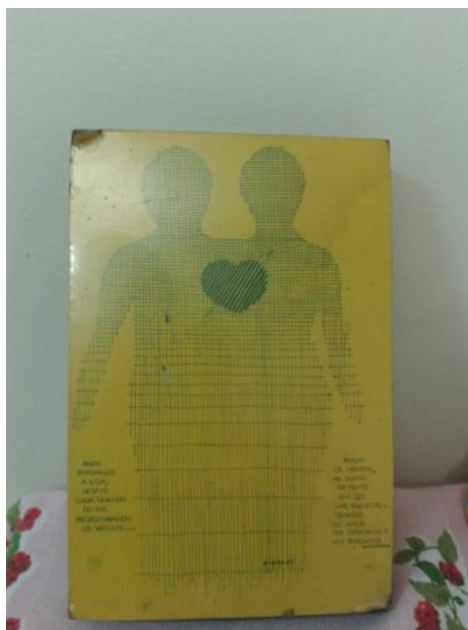
Segundo Jung (1992), o símbolo é simultaneamente um termo, um nome ou qualquer apresentação à consciência que nos pode ser familiar e cujas conotações estão além de seu significado convencional e evidente. Por existirem vários aspectos que estão além da compreensão humana é que utilizamos termos simbólicos. Eles representam ideias que dificilmente conseguimos definir ou compreender. Dessa forma, Jung atribui à relação homem-mundo uma função simbólica, dinâmica e encarregada de manter em contínuo dinamismo os conteúdos antagônicos da psique, o que nos remete à etimologia da palavra símbolo: *syn* = junto; *bolton* = lançar – sugerindo que o símbolo é algo construído na relação sujeito-mundo, e por isso, lançado junto por meio de um movimento dinâmico vital para o equilíbrio psíquico. Isso mostra que, nessa relação em que se lançam juntos sujeito e mundo, está envolvida toda a relação do homem com seu inconsciente. Jung (1992, p.92) afirma que “quando tentamos compreender os símbolos, confrontamo-nos não só com o próprio símbolo, mas com a totalidade do indivíduo que o produziu”. Mais uma vez, a citação de Jung leva à compreensão de que o símbolo não pode ser compreendido por si só, mas juntamente com o indivíduo e seu contexto de significações. Desse modo, tanto o símbolo possui suas características próprias, como o indivíduo, em cujo diálogo ambos se constroem e reconstroem. Reconhecendo a dinâmica dessa relação, retomo meus questionamentos sobre parceria no contexto interdisciplinar. De acordo com Fazenda (2006, p.69) :

A parceria consiste numa tentativa de incitar o diálogo com outras formas de conhecimento a que não estamos habituados e, nessa tentativa, a possibilidade de interpenetração delas.

Essa necessidade de parceria surgia em mim, porque eu queria “trocar” conhecimento, pois sentia-me só em relação à instituição. Como ainda descreve Fazenda (2006, p.69): “A parceria surge também da solidão dos profissionais em relação às instituições que habitam.”

Essa solidão foi uma vivência arquetípica, simbólica que ressoava em mim, qualificando, talvez, a experiência emocional que eu vivia, naquele momento em relação à tal parceria. Aliás, desde há muito tempo, esse arquétipo vem me rondando. No entanto, conscientemente eu nem sabia que ele estava ao meu redor. Em 1983 eu comprei um quadrinho (foto abaixo) em uma Bienal, em SP. Eu o adorava! (ainda adoro). Ele fica sempre perto de mim, emanando uma força que eu não sabia bem o que era. Acreditava que era porque o quadrinho representasse um sonho romântico.

Ando bordando a vida. Desafio cada segundo do dia redescrivendo os



séculos... Bordo os minutos, as horas da noite em que lhe encontro. Quando no amor nos desfiamos e nos bordamos.

(Milton Aguiar, 1983)

Mas, não era só isso. Com o passar do tempo, ele ia representando muito mais! Meu caminho de individuação: desfiando e bordando com meus parceiros – fossem eles amorosos ou profissionais. Não se tratava de um quadro que indicava a união de dois corpos em um. Mas, que esses corpos eram parceiros de caminhada e, por isso, unidos – no entanto, cada qual em seu próprio corpo. Parceiros que respeitam a subjetividade do outro. A parceria seria, então:

a possibilidade de consolidação da intersubjetividade - a possibilidade de que um pensar venha a se complementar no outro. (Fazenda, 2006, p.69).

Mais ainda: a parceria verdadeira vem de dentro, da alma, uma busca do equilíbrio espiritual – definindo-o, de acordo com Espírito Santo (2008a) como uma atitude em direção ao autoconhecimento, ao diálogo com o sagrado em nós:

O renascimento do sagrado é uma visão unificada da vida, que enseja uma percepção do sentido e significado da existência, abarcando todo o caminho percorrido...(p.144)

Passei a encontrar parceiros na vida. Quando precisei de um grupo de alunos para a coleta de dados do meu doutorado, recebi apoio da instituição onde lecionava naquela época, bem como dos meus queridos alunos que confiaram no meu trabalho e se entregaram a ele – de corpo e alma.

O sentido de um trabalho interdisciplinar estaria na compreensão e na intencionalidade da efetivação de novas e melhores parcerias. (Fazenda, 2006, p.70).

Aos poucos, eu efetivava minhas parcerias. Em 2008, integrei o GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade, liderado pela Profa. Dra. Ivani Catarina Fazenda. Logo depois, o INTERESPE – Grupo de Estudos sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação, liderado pelo Prof. Dr. Ruy Cesar do Espírito Santo - grupos que me acolheram e onde a Interdisciplinaridade habita. Em 2014, fui convidada pela minha querida amiga, a Profa. Dra. Ana Maria Varella para ser uma das palestrantes para o curso de gestores da Prefeitura de São Paulo. Nesse momento, a parceria não somente se solidificou como apresentou sua forma simbólica. Comecei minha fala com o intuito de descrever o meu trabalho de doutorado, explicando as razões que me levaram a escolher o mito arturiano e como eu o apliquei na minha prática de ensino-aprendizagem de Inglês. No entanto, novamente fui arrebatada pelo arquétipo da parceria quando Ana, somente com um toque interdisciplinar, costurou a minha fala, focando-a para os gestores e dando a ela o mais profundo dos significados para todos que lá estavam.



Cenário construído em 2007 por uma aluna

Esse foi o momento em que mostrei a imagem acima, construída por uma aluna e terapeuta de Jogos De Areia – *sandplay* - há muitos anos atrás. Ela construiu esse cenário utilizando símbolos do ciclo arturiano dos mais significativos para ela, para mostrar o seu caminho de desenvolvimento pessoal, apontando-o como árduo, complexo, no entanto, possível de ser percorrido. Temos presentes: a mesa redonda, o rei, os cavaleiros, o mago e o entorno. Esse cenário me impactou e ficou comigo durante todos esses anos – até eu poder utilizá-lo para descrever o que significa Interdisciplinaridade para mim: a mesa – onde todos eram iguais; o rei – que além de proteger suas terras tinha que respeitar uma dama – indicando o caráter de respeito para com o seu complemento feminino; os cavaleiros que ousavam e sempre respeitavam o rei e o próximo; o mago – o inconsciente de Arthur e que eu, no contexto educacional, assim como o mago, deveria ouvir o chamado do meu próprio inconsciente. Nesse momento, eu ainda não havia falado sobre parceria, propriamente dita. Foi quando Ana entrevistou e abordou o tema, exaltando a importância do cenário para que uma parceria interdisciplinar se concretize: a importância do diálogo, da união – que proporciona reflexões e o ato de “abraçar” que a Inter convoca. Assim sendo, o que é fundamental fazermos para praticar Interdisciplinaridade é colocar as palavras: humildade, respeito, cuidar, escutar- em algum lugar de nossas vidas. É um convite da alma, de autopercepção; de resgate dessas palavras em nós. A interdisciplinaridade nos abraça num grupo onde não tem quem sabe mais.

Considero essas observações feitas pela Professora Ana extremamente relevantes porque parece-me que os gestores não conseguiam ver como, na verdade, é simples o uso da Inter na experiência vivida. Creio que isso pode ocorrer pelo fato de eles atribuírem ao processo interdisciplinar somente o fato de aliar disciplinas. Logo, ao se aterem a esse “olhar”, perdem o que está latente ao seu redor.

Novamente, a força do arquétipo se apresentava *in loco*, movendo-me para perceber sua força na experiência vivida. A partir das intervenções de Ana, fui costurando minha fala para adequá-la às necessidades dos gestores. Por exemplo, uma professora questionou o *locus* de onde eu parti ao escrever meu doutorado, comentando: “mas o interesse não era seu?” e eu disse que sim por conta da pesquisa que utiliza um mito no qual eu acredito como possibilidade de reflexão e transformação de valores - o mito do Rei Arthur. Eu disse também, que podemos partir do *locus* do aluno (ou do gestor), pedindo para que eles próprios levantem questões que queiram discutir, indicando outras vias (uma estória, um filme, uma música, um problema que

alguém viveu e para o qual o grupo indique caminhos para resolvê-lo ou minimizá-lo) para ampliarem um determinado tema. Reforcei que o que vivenciei com meus alunos foi uma verdadeira parceria interdisciplinar onde estavam presentes a confiança, dedicação e vontade de trocar conhecimentos, informações, emoções.

Um dos participantes da noite (gestor e também professor) comentou que vivemos um período de adultos infantilizados, o que prejudica em muito as ações, podendo deturpar os propósitos da educação. Mas, que é primordial seguir fazendo, não desistir e buscar parceiros. Na sua escola existe um projeto maravilhoso sobre Horta na Escola, já com vários eventos, porém, a falta de parceria prejudicou o andamento desse ano.

Outro comentário do grupo veio por meio de uma participante que relatou sua experiência em Cuba quando ela levou chocolates para serem compartilhados com umas crianças. Ela disse que uma das crianças pegou todos os chocolates, guardou-os e esperou seus amigos chegarem porque queria compartilhá-los com eles. A gestora mencionou o quanto esta ação a mobilizou, entendendo, naquele momento, o significado do ato de compartilhar”.

Com tais questionamentos, eu percebia que, no curso para gestores, a palavra **parceria** aparecia como um gerador de forças, de sustento para que os movimentos ocorressem. No entanto, ficava a questão: estamos abertos aos parceiros?

Minha ousadia interdisciplinar permite-me responder afirmativamente a essa questão, sugerindo que observemos o caráter arquetípico de símbolos que nos cercam, nos movem, nos impelem a agir. Reforço que são símbolos que ressoam em nós e quando falo em ressoar em nós, aponto o caráter numinoso da relação simbólica. Por “numinoso”, entendo um adjetivo que qualifica a experiência emocional do indivíduo em contato com algo desconhecido ou ignorado pela consciência, ou seja, inconsciente, e que, portanto, equilibra a relação simbólica. Jung (1940/1984, p.9) descreve o numinoso como se fosse um fascínio. “O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível ou o influxo de uma presença invisível que produzem uma modificação especial na consciência”. Elucidando o papel do símbolo para a consciência, Neumann (1995, p. 261) apoia-se em Jung e atribui ao símbolo a função de transformador de energia psíquica, movido por uma busca de equilíbrio entre consciente e inconsciente, já que Jung (1948) aponta que as atitudes conscientes nunca se desvinculam totalmente do inconsciente.

Hoje, a relação simbólica que estabeleço com o **arquétipo da parceria** me move para buscar o meu próprio equilíbrio psíquico em todas as instâncias da minha vida. Sobretudo, meu equilíbrio espiritual. Seja na vida pessoal, familiar ou profissional, viver a força de um arquétipo é vivê-lo no sagrado, uma verdadeira parceria espiritual – que nos ajuda a sermos seres humanos cada vez melhores, conscientes de nossos atos, percebendo e valorizando o que há de mais significativo em nosso caminho. Precisamos ter um compromisso espiritual com nossos parceiros para que possamos nos reconhecer nas igualdades e diferenças e, assim, crescermos juntos em uma verdadeira parceria interdisciplinar.

Se o ser humano não desenvolve sua consciência, trazendo do inconsciente a dimensão numinosa apontada por Jung, ele permanece ‘ignorante’, como referido. (Espírito Santo, 2008b, p. 153).

Referências Bibliográficas

- ESPÍRITO SANTO, R. C. **O renascimento do sagrado na educação**. Petrópolis: RJ, 2008a.
_____. Autoconhecimento e consciência. IN: **O que é interdisciplinaridade?/**
Ivani fazenda (org.). – São Paulo: Cortez, 2008b.
- FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: qual o sentido? 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- HILLMAN, J. Disponível em: <http://vimeo.com/88459298>.
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na Psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- JUNG, C. G. **The symbolic life**. Londres: London & Henley, 1948. (Obras completas de C. G. Jung, 18/1.).
- _____. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1984. (Obras completas de C. G. Jung, 8/1).
- _____. **Tipos psicológicos**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras completas de C. G. Jung, 6.).
- _____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000 (Obras completas de C. G. Jung, 9.).
- NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

Reflexões

Elenice Giosa

CV: <http://lattes.cnpq.br/6173021984292370>

Reforçando as observações feitas pela professora Ana e Fátima, alguns participantes reforçaram a falta de possibilidade de refletir nas escolas. Por exemplo, quando um professor tenta combinar teoria e prática, muitas vezes ele é visto como aquele que “está fugindo do assunto da aula”. A professora Ana, por sua vez, ampliou a importância do ato de PENSAR, lembrando o quanto somos poderosos na nossa racionalidade, ou seja, o cérebro, quando bem aproveitado, nos faz chegar ao ‘sei que nada sei’, de Sócrates. Também lembrou a importância de não se excluir o velho em nossa jornada de educador rumo a uma educação interdisciplinar.

Assim como no mito arturiano, Arthur pensa, mas de modo radicalmente racionalizado: por ser um rei, ele deveria obedecer a ordem, as leis. É quando o seu reino e sua vida pessoal desabam porque ele não ouviu as outras vozes que falavam para ele: Merlin – que o chamava para escutar a voz do seu coração; Guinevere – que o chamava a conhecê-la enquanto sua mulher que tinha seus próprios sentimentos e valores; a Dama do lago – que o convidava a agir pela espiritualidade, respeitando as tradições. Ao render-se a um pensamento mais “sensualizado”, Arthur atende à sua intuição que tanto Merlin tentava desenvolver, ou seja, ao perdoar Guinevere, ele abre seu coração, resgata os valores ancestrais advindos dos ensinamentos da Dama do Lago e, ao mesmo tempo, utiliza seu pensamento de guerreiro para vencer a luta contra o mal, mesmo ferindo-se até morrer. É nesse momento que Arthur devolve sua espada de guerreiro para as profundezas das águas onde habita a Dama do Lago: é a conciliação da razão e coração.

Portanto, ampliar o ato de pensar numa atitude Interdisciplinar significa sensualizar essa razão que se encontra tão polarizada na sociedade na qual vivemos - de alta tecnologia e que visa somente o produto final de suas ações. Nessa perspectiva, também aproveitar os ensinamentos ancestrais, confrontá-los com o novo, criando outros ensinamentos.

Importante ressaltar a observação da participante Lucrécia que mencionou sua experiência em Cuba quando ela levou chocolates para serem compartilhados com umas crianças. Uma delas

pegou todos os chocolates, guardou-os e esperou seus amigos chegarem porque queria compartilhá-los com eles. A gestora mencionou o quanto esta ação a mobilizou, entendendo, naquele momento, o significado do ato de compartilhar”.

Outro gestor, Luis, mencionou sua simpatia pelos estudos interdisciplinares, mas disse que sentiu falta de falarmos sobre ecologia e Ecopedagogia.

Ficou claro que não é possível falar em interdisciplinaridade sem rever nossas atitudes e valores. Durante as discussões, a Professora Ana enfatizou as palavras usadas na Inter, tais como: respeito, cuidado, humildade e escuta sensível. Sem utilizar no ato tais palavras, não podemos rever nossas atitudes e valores e assim, encorajar alguma mudança de atitude.

Também percebi que ainda falta muita clareza para os gestores no que se refere à Inter na prática, pois a preocupação em aliar disciplinas ainda era grande. Para tentar esclarecer mais o conceito de Inter, a professora Ana utilizou a imagem que a professora Elenice levou de uma aluna que montou uma situação referente ao mito arturiano em uma caixa de areia: por meio dessa imagem, a professora Ana enfatizou a importância do diálogo, da união que proporciona reflexões e o ato de “abraçar” que a Inter convoca. Assim sendo, o que é fundamental fazermos para praticar Interdisciplinaridade é colocar as palavras citadas (humildade, respeito, cuidado, escutar) em algum lugar de nossas vidas. É um convite da alma, de autopercepção; de resgate dessas palavras em nós.

Particularmente, considero essas observações feitas pela Professora Ana extremamente relevantes porque parece-me que esses gestores não conseguem ver como na verdade, é simples o uso da Interdisciplinaridade na experiência vivida. Creio que isso pode ocorrer pelo fato de eles atribuírem ao processo interdisciplinar somente o fato de aliar disciplinas. Logo, ao se aterem a esse olhar, perdem o que está latente ao seu redor.

A apresentação da Professora Fátima, por exemplo, enfatiza seu olhar de “dentro para fora” em relação à Saúde. E isso é o próprio olhar Interdisciplinar. Uma professora da noite disse que a Inter fala sobre o ser humano integrado e que, diante da realidade escolar, ainda há muito que ser feito. Ana respondeu que o ser humano é construído Interdisciplinarmente.

Uma professora da noite, conversando comigo, questionou o “locus” de onde parti, comentando: “mas o interesse não era seu?” e eu disse que sim por conta da pesquisa que utiliza um mito (Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda) no qual eu acredito como possibilidade de reflexão e transformação de valores. Eu disse também, que podemos partir do *locus* do aluno (ou professor), pedindo para que eles próprios levantem questões que querem discutir além de também indicarem, por exemplo, instrumentos para discutirmos tal tema (uma estória, um filme, uma música, um fato que alguém viveu).

De um modo geral, considerei os encontros muito positivos porque percebi a preocupação dos gestores em entender o que é realmente Interdisciplinaridade. E isso é um passo muito importante porque creio que conseguimos plantar “pontos de luz” na cabecinha de alguns. Estamos caminhando e juntos tenho certeza de que conseguiremos plantar ainda mais porque a Inter se faz no grupo e COM o grupo.

Agradeço a oportunidade de poder trocar com vocês – principalmente carinho e acolhimento! Ana, sempre fazendo suas pontes e costurando ideias que se misturam por aqueles cachinhos loiros. E foi uma grata surpresa conhecer a Fátima com aquele trabalho maravilhoso sobre Saúde! Obrigada a todos!

